

## Vivências e desafios de alunas meninas em uma escola agrícola de turno integral

Adriana Martins da Costa

**Resumo:** O artigo discute questões pertinentes ao campo dos estudos de gênero e as relações de poder que estão atreladas a este tema. Mais precisamente, analisa as relações de gênero existentes dentro de uma escola agrícola localizada na cidade de Viamão/RS. Tem como questões centrais as perguntas: o que leva, na contemporaneidade, que meninas queiram estudar em uma escola caracterizada por um currículo historicamente masculino? Como elas percebem as relações de gênero dentro desse espaço? O trabalho de campo, caracterizado como um estudo de caso, é constituído por sete entrevistas com alunas e uma entrevista com a diretora da escola. Percebeu-se através das entrevistas que, lentamente, algumas alunas estão ‘transgredindo’ certos pressupostos da ordem estabelecida, fazendo com que se repensem práticas curriculares numa instituição em que o currículo ainda privilegia o sujeito masculino.

**Palavras-chave:** Gênero. Escola agrícola.

### O lugar e o tempo da pesquisa

Este artigo discute questões vinculadas ao campo dos estudos de gênero e as relações de poder atreladas a tal temática. Especificamente, são analisadas as relações de gênero existentes no interior de uma escola agrícola. O projeto de pesquisa que possibilitou a escrita deste artigo apresenta como questões centrais as perguntas: o que leva, na contemporaneidade, que meninas queiram estudar em uma escola caracterizada por um currículo historicamente masculino? Como elas percebem as relações de gênero dentro deste espaço?

Tornou-se necessário, para a implementação da pesquisa, um estudo aprofundado do conceito de gênero, e o faço tomando como principais referências Joan Scott (1995) e Guacira Lopes Louro (2011). Para Scott, pensar e escrever sobre o processo histórico que marcou e marca a busca por um espaço de discussão e participação feminina na sociedade é entender e respeitar a existência de duas categorias de análise que são complementares. E os meninos e as meninas, alunos/as de uma escola contemporânea, precisam ser entendidos/as como categorias diferentes, mas que se complementam. Estes/as alunos/as são parte de uma sociedade complexa, carregada de muitos discursos perpetuados como verdades por sua repetição e reiteração e, assim, se naturalizaram ao longo da história.

Nós só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas. (SCOTT, 1995, p. 93).

Operar com o conceito de gênero implica refletir sobre a trajetória de homens e mulheres ao longo da história, como essas relações se estabelecem e por consequência alteram o que está posto em determinado espaço e tempo. Os estudos sobre gênero no Brasil apresentam uma produção escrita vasta e com discussões em diferentes áreas do conhecimento ou campos de discussão: medicina, mercado de trabalho, política, questões jurídicas etc. Muito se publicou em relação ao tema gênero, porém pesquisas envolvendo educação integral, relacionando gênero e escola agrícola, não foram por mim localizadas, o que me permite argumentar que existem poucos trabalhos nesta interface: gênero, escola agrícola e educação integral. Tal fato justifica a relevância de uma pesquisa que envolva refletir e analisar essa articulação.

A metodologia do estudo de caso trouxe para a discussão como as alunas meninas que estudam na escola são percebidas e percebem o espaço da escola agrícola. A pesquisa atende a elaboração do trabalho de conclusão do *Curso de Especialização em Educação Integral Integrada na Escola Contemporânea*, oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no ano de 2012. Estudar as relações de gênero em uma escola agrícola é algo necessário e urgente na atual situação da educação no país, neste momento em que se discutem novos rumos para o sistema de ensino, outros tempos e espaços na e para a escola, além de propostas curriculares integradoras. Percebe-se que, mesmo com a existência de meninas na escola, as relações de poder atravessam o currículo e o espaço de ensino. O estudo de caso foi a metodologia que me aproximou do campo de estudo, para tentar de alguma forma entender ou levantar mais elementos que respondessem ao problema de pesquisa. Não bastava perguntar por que estavam ali; era preciso saber ou mexer em assuntos mais profundos: como estavam ali, o que a escola oferece a elas, se são parte do espaço e do cotidiano de um ambiente de ensino.

Dentro da proposta de estudo de caso, utilizo como ferramenta de pesquisa a entrevista semiestruturada. Trato a pesquisa como um estudo de caso por se tratar da análise das relações e da construção ou continuidade de um discurso hegemônico na escola agrícola com alunos/as desse espaço. Entrevistei sete alunas meninas e a diretora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Canadá, localizada na cidade de Viamão, no estado do Rio Grande do Sul, onde sou professora da disciplina de História. Esta instituição tem por tradição uma realidade voltada a estudantes homens; um espaço mais masculinizado, tanto quando nos referimos a questões de infraestrutura, falas recorrentes nas entrevistas com as alunas, quanto aos discursos dos professores. Normalmente, quando os/as professores/as estão reunidos para avaliações dos/as alunos/as, surge a questão de que a indisciplina – ou as transgressões muitas

vezes normais da juventude – acontece pela ausência da figura do pai. Essa fala não vem somente de professores homens; ela é reproduzida por professoras mulheres e em sua maioria chefes de família. Bourdieu, em seu artigo *A dominação masculina*, levanta a evidência de signos que marcam a diferença entre homens e mulheres ao longo da existência social.

Mas ela se exprime igualmente bem nos objetos técnicos ou nas práticas: por exemplo, na estrutura do espaço, e em particular nas divisões interiores da casa ou na posição entre a casa e o campo, ou ainda na organização do tempo, da jornada ou do ano agrário, e, mais amplamente, em todas as práticas, quase sempre ao mesmo tempo técnicas e rituais, e muito espacialmente nas técnicas do corpo, posturas, maneiras, porte. (BOURDIEU, 1995, p. 137).

Fiz uso de bibliografias ligadas ao conceito de gênero. Além disso, li dois trabalhos que tratam da escola onde é feita esta pesquisa: uma dissertação de mestrado (DALPIAZ, 2005) e um trabalho de conclusão de curso (SILVA, 2010). Para esta caminhada investigativa frente a um tema tão delicado e forte ao mesmo tempo, assim como para compor este diálogo com as relações de poder que estão e são existentes na sociedade, tenho como estudo os escritos de Michel Foucault. Considero que não se pode navegar por estes caminhos sem trazer as obras de um filósofo que abre a discussão das relações de poder e de como a sociedade contemporânea naturalizou o olhar para o que estabeleceu como verdade.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política de coerção que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (FOUCAULT, 2012, p. 133).

E são essas relações de poder que marcaram e marcam os discursos das instituições de ensino, mais precisamente da escola agrícola, que este artigo e esta pesquisa através da escuta e da observação analisam.

### **Escolhas: como e o que pesquisar**

Fazer um recorte dentro de um amplo campo de estudo como o espaço escolar não é tarefa fácil ou mesmo confortável, visto que a gama de discussões, conceitos, métodos e teorias para o tema é imensa. Mas para uma pesquisa não basta ter um tema e um problema bom e pertinente ao debate; uma pesquisa e seus desdobramentos estão carregados de subjetividades, e estas são parte do objeto pesquisado e do sujeito pesquisador. O tema aqui abordado é algo que me instiga e inquieta: estudar os discursos e como ele “está constituído

por um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência” (CASTRO, 2009, p. 117) faz este estudo importante para o campo da educação e das relações de gênero. “O discurso está na ordem das leis [...]; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele advém” (FOUCAULT, 2009, p.07).

Este trabalho de pesquisa traz um tema pertinente na contemporaneidade, momento em que se reformula a escola integral e o ensino do campo no país. Analisar as relações de gênero em um espaço de ensino, como são sentidas, percebidas e tensionadas essas relações, abre possibilidades ao debate sobre educação integral e a categoria gênero.

Por ser o problema de pesquisa direcionado para as alunas e o que as leva a estudar em uma escola caracterizada historicamente por um currículo masculino, os critérios para escolher as alunas que participariam desta pesquisa foram o tempo que estavam na escola e a idade/série. As alunas que participaram da pesquisa são apontadas pelos/as professores/as como meigas, queridas, sensíveis e inteligentes, adjetivos historicamente ligados à figura feminina.

Ouvir a diretora e o que ela pensava sobre a relação de gênero e a presença de meninas em uma escola marcada pelo masculino pareceu um bom caminho, tendo em vista que o cargo de direção é proveniente de uma escolha democrática, por ser esta uma mulher, pedagoga defensora de uma educação integral e ter uma ligação afetiva com o espaço (a mãe já falecida foi professora na escola). Tais questões fizeram desta entrevista uma escuta quase que histórica desta ‘ocupação’ feminina na instituição. A entrevista com a diretora foi descontraída, e ela foi relatando sua trajetória até assumir o cargo e depois como foi difícil conseguir seu espaço dentro de um universo masculino que são as instituições agrícolas no estado do Rio Grande do Sul. Falou, também, da “preocupação desta equipe diretiva de deixar a escola mais adequada para as meninas e que os professores são instruídos para tratar com as meninas” (DIRETORA, 13 mar. 2013).

Entrevistar as alunas foi algo delicado. Mesmo tendo a estrutura da conversa, seria necessário que o encontro fosse o menos formal possível. E participar de uma pesquisa falando de um tema desconhecido para elas e ao mesmo tempo particular causou um estranhamento das meninas e uma preocupação da minha parte. O objetivo da entrevista era que as alunas falassem sobre o seu cotidiano, e fazer isso sem invadir a privacidade era algo que me parecia importante. Ao mesmo tempo, percebi que elas gostaram de falar sobre questões cotidianas e que elas ainda não haviam pensado. Foi recorrente na fala das meninas a

frase “nunca tinha pensado nisso, a senhora é a primeira pessoa aqui na escola que pergunta sobre nós e os meninos” (ALUNA 3, 14 abr. 2013).

Quem são as alunas meninas que estudam em uma escola agrícola de ensino integral e que participaram desta pesquisa? São alunas que poderiam ser encontradas em qualquer escola de Ensino Fundamental, adolescentes entre 11 e 14 anos de idade, que na sua maioria moram com irmãos e mãe – das sete alunas entrevistadas, apenas uma morava com pai e mãe. O grupo apresenta alunas em diferentes séries: uma está no sexto ano, duas na sétima série e três estão na oitava, portanto saindo da escola e ingressando no Ensino Médio. Outra característica é não serem moradoras do entorno da escola; apenas uma das alunas mora no bairro, as outras seis vêm de bairros afastados. Tal heterogeneidade ampliou as possibilidades de responder à pergunta desta pesquisa e, ao mesmo tempo, proporciona outras perguntas que surgiram ao longo do caminho.

### **O espaço da escola**

A cena de uma escola que separa meninos de meninas nos parece coisa ultrapassada, algo que ficou no século XX, porém conviver no mesmo espaço não reflete necessariamente integração e participação dos gêneros. Temos ainda na contemporaneidade um tratamento diferente no que diz respeito a homens e mulheres no contexto social. Isso também ocorre no ensino agrícola da escola desta pesquisa, entretanto alguns rompimentos com essa visão hegemônica foram detectados nas falas das entrevistadas. O ensino agrícola ficou historicamente caracterizado pela presença exclusivamente masculina, e durante muito tempo as escolas destinadas à educação para o campo tinham em seu quadro discente e docente o gênero masculino como referencial. Com as mudanças sociais no Brasil, ocorridas com o empobrecimento do campo e a universalização do direito à educação, a escola passou a receber alunas e, ao matriculá-las, criou-se uma ideia de que as barreiras foram quebradas e que as tensões entre os gêneros estavam sendo rompidas. A noção de uma escola onde circulem meninos e meninas parece ser o que bastaria para a legitimação de um direito, quando o que se pretende com a universalização do ensino é a formação do sujeito integral e a convivência destas categorias, alunas e alunos, meninas e meninos de forma a pertencerem e se reconhecerem na organização curricular.

Não pretendo atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos de determiná-las de forma definitiva. É preciso reconhecer, contudo, que suas proposições, suas imposições e proibições fazem

sentido, têm “efeitos de verdade”, constituem parte significativa das histórias pessoais. (LOURO, 2000, p. 16).

A escola Estadual de Ensino Fundamental Canadá era um destes espaços de ensino destinados à educação agrícola, pensado inicialmente para ser ocupada apenas por alunos homens. Fundada em 1958 na zona rural da cidade de Viamão, tinha como principal característica ser uma instituição de ensino primário que preparava filhos de agricultores de diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul. Para isso, funcionava com regime de internato, incentivava os alunos a trabalharem no campo, ou continuarem seus estudos agropecuários na Escola de Formação Técnica Agrícola (ETA). Tal espaço planejado para homens traz as marcas da figura masculina nas memórias da escola. É uma tradição da instituição, por exemplo, fazer quadros dos formandos e fixar nos corredores do prédio administrativo, o que torna evidente a maciça presença de alunos e professores do gênero masculino. A identidade masculina hegemônica se perpetuou na escola, mesmo que, no ano de 1968, tenha sido realizada a matrícula da primeira aluna menina. As alunas entrevistadas trazem em seus relatos essa imagem de um espaço pensado para alunos e que, ao receber matrículas de alunas, foram feitas adaptações, concessões para o convívio deles e delas.

*Aluna 3: Os professores mesmo falam que esta era uma escola pra meninos, os prédios, o alojamento, faz pouco tempo que as meninas passaram a estudar aqui. (8ª série, 14 anos, entrevista em 14 abr. 2013).*

O espaço da escola é grande, são 56 hectares. Isso ajuda no momento de se pensar em uma proposta de educação integral, visto que a extensão da propriedade não é empecilho para diversas e diferentes atividades. Ao contrário: a ideia que temos ao conhecer a rotina e o lugar é de que se trata de um laboratório vivo para a formação integral do sujeito. Mas o tamanho da escola passa a ser um fator de preocupação, visto que, para organizar as atividades e de alguma forma saber como a aprendizagem se dá em cada uma das áreas de conhecimento, requer um esforço e a presença de profissionais que a escola pública não dispõe. Como as aulas de formação agrícola são realizadas em espaços externos – como, aliás, é um pressuposto da educação integral, otimizando e diversificando os ambientes de ensino-aprendizagem –, os alunos acabam ficando mais soltos e ainda sem preparação para exercer a autonomia.

Pensar essa questão me parece pertinente, já que, ao entrevistar as alunas, foi comum a fala de que é na aula prática que os alunos homens mais se posicionam contrários à presença feminina ou aproveitam para serem hostis com elas. Um tema interessante – não só para quem

estuda relações de gênero, ou identidades juvenis, mas para quem se propõe a planejar um currículo integral – é observar como as relações de poder e seus discursos se estabelecem e marcam os espaços da escola e os corpos de alunos e alunas.

A proposta de uma escola que se dedique à educação integral ganhou nova voz nesta última década. Educadores resgataram as ideias de importantes pensadores do início do século XX, como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, estudiosos que propuseram, para um Brasil em modernização, uma escola que incluiria os brasileiros e lhes ensinaria não apenas os conhecimentos universais, mas aprimoraria as técnicas de trabalho. Esses projetos se tornaram programas políticos e foram abandonados à medida que novos processos eleitorais e ideológicos chegavam ao comando político do país.

Com a constituição democrática de 1988 e o acesso como direito de todos às redes de ensino, promoveu-se a criação e a implantação de muitas leis. Iniciou-se, em função disso, um movimento em torno de uma educação integral que se prioriza o sujeito e as múltiplas possibilidades de aprendizagem, uma nova forma de ver em todos os espaços uma ação educadora. Dessa forma, surge o Programa Mais Educação, em 2008, e posteriormente as escolas de turno integral, possibilidade que já estava presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 1996. No artigo *A agenda da educação integral*, a professora Jaqueline Moll (2012) indica que o Mais Educação vai além de ser um programa emergencial de educação, consolidando-se como uma política pública na concepção da educação integral.

Tendo em vista que as escolas com educação em tempo integral e integrada ressurgem de forma tímida e num espaço de tempo relativamente novo, a produção literária referente a essa prática é pequena e com muitos pontos a explorar. A base que se tem são os cadernos do MEC, artigos e defesas de mestrado e doutorado e livros organizados por pesquisadores de educação, porém são ainda conhecimentos preliminares em grande parte voltados ao Programa Mais Educação. Esta ação do governo federal abriu tal discussão nos estados e municípios da União e aos poucos muda a rotina das escolas públicas do Brasil, parecendo desacomodar a ordem de uma instituição que foi formatada às luzes da modernidade e que durante muito tempo segmentou a sociedade brasileira.

### **As coisas ditas**

É difícil desassociar a figura maternal e cuidadora que hegemonicamente se retratou da mulher. Na escola pesquisada, as alunas ainda carregam essa marca. Tanto os professores como as professoras delegam para as alunas características ligadas à imagem maternal, como

cuidar das crianças menores, ter mais aptidão para tarefas domésticas e até mesmo ser mais dedicada à aprendizagem de disciplinas que exigem leitura. Os alunos, por outro lado, carregam marcas de força e virilidade. Conseqüentemente, alunas e alunos corroboram essa representação, delimitando as rotinas e o funcionamento daquele espaço.

*Pergunta: Existe diferença na escola, do tratamento com os meninos e as meninas?*

*Aluna 4: Acho que não, só quando tem que fazer as atividades, daí o professor separa o que é para meninos e para nós [meninas], porque tem que ser assim, a gente é diferente, mais frágil, e os guris são mais fortes. (8ª série, 14 anos, entrevista em 17 abr. 2013).*

Questionar ou simplesmente problematizar a imagem e o discurso presentes nos meandros do espaço escolar não se faz necessário. Pois o que se percebe no cotidiano da escola é que as coisas se estabeleceram assim, ou seja, o padrão de masculinidade historicamente delimitando o universo agrícola, deixando-se ‘visitar’ pela presença das alunas, estas por sua vez que não problematizam o estabelecido.

Tal perpetuação do que se disseminou como verdade fica clara nas falas das alunas. E essas percepções estão nas entrevistas e nos espaços da escola. A prática de esporte, algo que faz parte do currículo de todas as escolas, mostra a separação que fazemos, enquanto instituição de ensino composta na modernidade, entre alunos e alunas. O usual é o jogo de futebol, esporte marcado pelo masculino; a menina que tenta participar deste esporte ou é recusada por só haver times de meninos, ou, se joga, é vista como masculinizada pelas colegas.

Na escola, existem ações que são tidas como de meninas e ações que se constituíram como práticas para meninos. Conhecendo o local, isso era algo que me parecia bem visível, mas foram as falas de todas as alunas que deixaram esse fato caracterizado como sendo algo naturalizado pelos/as professores/as e por alguns alunos e algumas alunas.

*Pergunta: Tu percebe um tratamento diferente dos professores em relação a meninas e meninos?*

*Aluna 5: Acho que não, só as vezes que o professor manda os alunos sair da sala para as meninas arrumar, varrer e organizar, mais isto tá certo, porque menina tem mais jeito pra estas coisas. (8ª série, 14 anos, entrevista em 19 abr. 2013).*

Como pensar, em pleno século XXI, depois de tantas lutas, de movimentos a favor de reformas, de mudanças comportamentais, que ainda possa existir um papel predestinado a meninas e outro a meninos? É como aceitar que, *a priori* da formação cultural, uma criança

nasça com suas funções e com seus espaços de pertencimento predeterminados na vida. Estamos pensando e analisando um espaço de formação do sujeito, de uma escola de ensino integral, que tem como base a agricultura, técnica milenar que nas sociedades primitivas era realizada por mulheres.

A ação de varrer é apenas uma das muitas separações que são feitas entre alunas meninas e alunos meninos. Basta pensar que a escola possui desde sua formação um internato para meninos, sem nem pautar a ideia de abrir alojamentos femininos. Será que não existem famílias que precisem ou queiram proporcionar essa experiência para suas meninas? Não entro no mérito de ser positivo ou negativo passar a semana longe do núcleo familiar; penso simplesmente na possibilidade de diferentes experiências. O simples ato de dirigir um trator, no caso da escola estudada, legitima a relação estabelecida de poder. O comum é vermos alunos meninos andando com trator pela escola, enquanto as alunas são sempre as caronas. Segundo Foucault, “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” (2012, p. 134). A maior forma de demarcar espaços é agrupar os corpos em ‘seus lugares’, dando suas identidades aos sujeitos que ocupam os seus espaços.

É quase naturalizado, algo justificado no biológico, dar ao sexo feminino características de dependência, incapacidade, meiguice, ponderação, e esta é a mensagem presente ao referirem-se às alunas. A escola agrícola é cenário fecundo para essas falas masculinizadas, em que se adjetivam as alunas meninas de rebeldes, sem juízo, indisciplinadas, caso estas tentem romper a ordem estabelecida, ou seja, que existem atividades que são para os meninos e as que são de meninas.

É reiterado, a cada expressão dos professores em relação a alunos e alunas, o discurso da diferença. Um menino reclamou do excesso de tarefas na aula prática e que as meninas não trabalhavam tanto. O professor então disse que se ele, o aluno, vestisse saia, então não faria tantas atividades, ou seja, que o ambiente agrícola não se constitui apropriado para o gênero feminino. Observando o cotidiano, as falas e revisitando a história do ensino agrícola, tenho a ideia de que passou a ser visto como algo sem propósito, quando a família incentiva, ou apenas permite que uma menina possa estudar em um ambiente “*desses*”, e se esta menina ousa ocupar determinados espaços ou participar de tarefas incomuns para seu gênero, passa a ser alvo de desconfiança e tachada de “*espaçosa*”, por professores e principalmente pelos seus colegas de classe.

Uma aluna colocou em sua fala como é retrucada pelos colegas quando quer se manifestar sobre algum ponto de debate em aula. Ela diz que fica pior quando quer participar de uma atividade que é “*deles*”. Os colegas interrompem as meninas, querem ganhar no grito,

na brincadeira de mau gosto. Não foram poucas as vezes que, como professora, precisei intervir no debate, para que não houvesse brigas e xingamentos.

*Aluna 3: Eu acho que não tem nada a ver. Eu acho que não deveria ter este negócio de menina e menino, deveria ser igual para todos. Acho que eles dão mais serviço leve pra gente, porque eles achem que as minas são frágeis, dá pra vê de longe que eles pensam assim. (8ª série, 14 anos, entrevista em 14 abr. 2013).*

Escutando esta aluna, observando a fala dos professores, tento conciliar com a entrevista com a diretora, a qual comentou sobre o cuidado da equipe pedagógica em fazer com que as alunas meninas se sentissem pertencentes ao espaço da escola e como os professores eram preparados. A palavra dita foi exatamente esta: “*os professores são preparados para tratar as alunas de forma diferente e dar atividades que elas possam fazer no ambiente que estamos*” (DIRETORA, 13 mar. 2013). Será que tratar as alunas de forma diferente foi o que deu continuidade a este espaço marcado pelo masculino? Porque sabemos que nem sempre as palavras dizem o que queríamos falar. A prática discursiva é identificada na fala do indivíduo, significa falar sobre determinadas regras, sobre o lugar ao qual pertencemos.

Quando se pensa em escola agrícola, a imagem que remete à maioria das pessoas é um ambiente com alunos meninos, e as sete meninas da entrevista responderam a esta pergunta da mesma forma do que alguém que não circula naquele espaço. Portanto, estando ou não na escola, a imagem que perdura é de um aluno menino, o que prova que o discurso está apoiado em verdades preestabelecidas.

Descobrir que algumas alunas estão a romper com a ordem das coisas trouxe um caminho mais leve para esta pesquisa. Quando uma aluna se coloca como protagonista e diz que quer fazer uma atividade que lhe situe como parte daquele espaço, ela está transgredindo o estabelecido e abrindo um caminho que há muito deveria ter sido ocupado por elas (elas, aqui, como categoria de alunas meninas).

*Aluna 6: Eu peço para dirigir o trator, eles dizem que não sei. Eu repondo que, se não me ensinarem, como vou aprender? Outro dia a Mariazinha pediu para dirigir, os guris ficaram assustados, porque ela conseguiu. Acho mesmo é que eles têm medo de ocuparmos o lugar deles. (7ª série, 13 anos, entrevista em 15 maio 2013).*

A fala acima traz tanta significação para o que esta pesquisa se propunha a estudar, e me parece maior do que este artigo consegue analisar. Ouvir de jovens meninas o que pensam sobre um assunto tão subjetivo e ao mesmo tempo importante para a coletividade; ter a

dimensão de uma transição de paradigmas no que diz respeito à educação, à forma de ensinar e aprender; e estar no cenário onde estas alunas meninas estão pensando uma nova forma de estar na escola, no espaço de uma escola historicamente marcada pelo masculino, são pontos cruciais para novas buscas.

### **Considerações finais**

Escrever é um processo de idas e vindas, entrelaçado a sentimentos desconhecidos quando falamos de relações de gênero. Sendo ao mesmo tempo pesquisadora e parte do espaço estudado, questioneei e coloquei em destaque detalhes quase despercebidos na rotina, olhando para o que não se problematiza, aquilo que está na normalidade. Pareceu-me um campo minado. Mas não fazer essas desacomodações seria negar um olhar que me inquieta. Seria não levantar possibilidades de fala das protagonistas desta pesquisa: as alunas meninas, jovens que estão e são afetadas por um universo marcado pelo masculino.

Esse espaço por muito tempo as tolerou, foi cedendo um pertencer, desde que este pertencer não modificasse lugares já estabelecidos, desde que elas não ocupassem ou transgredissem as coisas ditas. Nós, sujeitos, não escapamos das relações de poder. O que fazemos e o que as alunas estão fazendo é desconfigurar esse poder para exercer outras relações, dar outra roupagem ao discurso.

As alunas estudam atualmente em uma escola agrícola marcada historicamente por um discurso atravessado pela 'natureza', por um espaço masculinizado. Então por que para elas, para as mães, enfim, para as mulheres que as antecederam, estar em um ambiente de ensino é o que importa? Não é relevante para elas que este local tenha sido, no século passado, legitimado pelos homens e suas verdades. Se por um lado as meninas relataram nas entrevistas que a expressão escola agrícola é associada à imagem de um aluno menino, por outro lado evidenciaram nas palavras ditas e nas expressões feitas que estando ali, sendo alunas naquele espaço, e naquela escola iriam pertencer e ocupar um lugar significativo e com significado em uma instituição de ensino agrícola com base na educação integral em uma sociedade contemporânea.

Responder à pergunta desta pesquisa e observar o caminho que percorri para conseguir estas respostas me fizeram perceber o quanto de questões e de detalhes a instituição agrícola apresenta, como levantar temas naturalizados, tidos como ditos e superados, ainda latentes e à espera de estudo e pesquisa. A escola sequestra o sujeito e ao mesmo tempo possibilita a construção da identidade. Mas a que custo ou sobre qual perspectiva? Ter uma identidade

dentro de um espaço hegemonicamente marcado por um currículo masculino dá condições iguais para meninos e meninas, tanto na constituição do gênero como da sexualidade?

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DALPIAZ, Saionara Goulart. **Memórias de ex-alunos/as: recompondo tempos e espaços da educação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOLL, Jaqueline. A agenda da educação integral: compromissos para a consolidação como política pública. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Caminhos da educação integral no Brasil**: direitos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 129-148.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Camila Lima Thomaz. **Turno Integral na Escola de Ensino Fundamental Agrícola: é inovação?** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.